

ENTRE A INTERCULTURALIDADE, A INTERDISCIPLINARIDADE E A EDUCAÇÃO POPULAR: O CONTO COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA

BETWEEN INTERCULTURALITY, INTERDISCIPLINARITY, AND POPULAR EDUCATION: THE SHORT STORY AS A DIDACTIC PROPOSAL

Nataélia Alves da Silva¹
Arthur Honório dos Santos²
Uilian dos Santos Santana³
Josenaide Alves da Silva⁴

RESUMO: Este artigo teve por finalidade analisar o conto “Qual o seu Kilombo?” com foco na interdisciplinaridade, interculturalidade e na Educação popular, considerando sua aplicação no contexto do Ensino Médio. O referido conto foi construído por futuros professores curso de Licenciatura em Química de uma universidade pública sob a orientação da professora da disciplina Saberes e Práticas II. Essa proposta didática pedagógica está sustentada em elementos relacionados a dois quilombos do estado de Alagoas: o quilombo dos Palmares e o quilombo de Tabacaria. A abordagem utilizada é qualitativa, fazendo-se o uso da técnica Análise Textual Discursiva para analisar o conto. Os resultados apontam que o conto se configura como um recurso didático, capaz de integrar conteúdos das áreas de História, Química, Biologia, Geografia, Direitos Humanos, Sociologia e Agronomia. Esse recurso didático possibilita o trabalho com temas, como a história dos quilombos, resistência à escravidão, preservação da cultura africana, ecossistemas aquáticos, manejo do solo, nutrição das plantas, compostos químicos e seus impactos ambientais e à saúde humana. Além disso, destaca-se seu potencial também para promover o diálogo intercultural e a Educação popular, considerando o ensino a partir da realidade dos estudantes e da dialogicidade. Por fim, o conto é um recurso didático que pode colaborar com o processo de ensino, promover interação e participação e estimular a leitura dos estudantes.

Palavras-chave: Diálogo intercultural; Interdisciplinaridade; Educação popular, Conto.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: natyalves_@hotmail.com

² Licenciado em Química por meio da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: arthuouhonorio@gmail.com

³ Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA. Docente da UFRB. Contato: uilian.santana@ufrb.edu.br

⁴ Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA. Contato: josenaide.a.s@hotmail.com

ABSTRACT: This article aimed to analyze the short story “What Is Your Kilombo?” with a focus on interdisciplinarity, interculturality, and Popular Education, considering its application in the context of secondary education. The short story was produced by future teachers enrolled in an undergraduate Chemistry Education program at a public university, under the guidance of the instructor of the course Knowledge and Practices II. This pedagogical proposal is grounded in elements related to two quilombos in the state of Alagoas: the Quilombo dos Palmares and the Quilombo de Tabacaria. A qualitative approach was used, employing the technique of Discursive Textual Analysis to examine the short story. The results indicate that the narrative functions as a didactic resource capable of integrating content from the fields of History, Chemistry, Biology, Geography, Human Rights, Sociology, and Agronomy. This educational resource enables the development of themes such as the history of quilombos, resistance to slavery, preservation of African culture, aquatic ecosystems, soil management, plant nutrition, chemical compounds and their environmental and human health impacts. Moreover, its potential to foster intercultural dialogue and popular Education is highlighted, as it allows teaching to be grounded in students lived realities and in dialogicity. Finally, the short story proves to be a didactic resource that can support the teaching process, promote interaction and participation, and stimulate students reading practices.

Keywords: Intercultural dialogue; Interdisciplinarity; Popular Education; Short story.

INTRODUÇÃO

Diante de uma sociedade ser tecnológica e globalizada, ensinar Ciências não deve se limitar ao acúmulo de informações, datas, nomes de personagens históricos e esquemas conceituais. Deve, ao contrário, propiciar contribuições e compreensões que estabeleçam um vínculo entre o que é mostrado em sala de aula e a realidade social, conforme aponta Giraldi (2014). No entanto, quando isso não acontece, há maior tendência de os estudantes perderem o interesse, ficarem desestimulados e não participarem das aulas. Como consequência, não gostam da disciplina e não aprendem os conteúdos científicos, pois as aulas não são atrativas e não são articuladas com os contextos de vivências dos estudantes.

Uma das possibilidades para a promoção de um ensino que faça sentido para os estudantes, ou seja, que eles atribuam significados aos conteúdos científicos, que auxilie o docente no processo de ensino e colabore para maior interesse dos estudantes pela disciplina é a utilização do conto. Conto é um gênero literário que possui diversas características, incluindo forma e conteúdo, além de conceitos como estilo, enredo, estrutura e personagens, podendo ser constituído por elementos, que

são representados por figuras, símbolos, emoções e ideias (Rosa; Rosa; Leonel, 2015).

O conto é considerado significativo para estimular os estudantes a desenvolverem habilidades da leitura e escrita (Damacena *et al.*, 2017), promover a problematização e o diálogo (Nectoux *et al.*, 2020), por conseguinte, contribuindo com o processo de aprendizagem. Ainda, esse gênero literário é considerado um recurso didático que pode ser utilizado no contexto de diferentes disciplinas, até mesmo aquelas que são consideradas difíceis pelos estudantes, como Física, Matemática, Biologia e Química (Rosa; Rosa; Leonel, 2015).

Nesse viés, é oportuno destacar que estudos têm sido realizados apontando a potencialidade do uso do gênero conto para a promoção de um ensino interdisciplinar (Carmo, 2016; Damacena *et al.*, 2017; Barros; Pinho, 2022). Usar o conto na sala de aula e em uma perspectiva interdisciplinar, mostra que o texto literário vai além da leitura por distração, prazer, (Carmo, 2016), passa tempo, é uma via para a intercomunicação entre conhecimentos de diferentes disciplinas, que se caracteriza como um ensino interdisciplinar (Silva, 2020).

Corroborando com tais ideias, o conto se apresenta como uma oportunidade para que o estudante construa conhecimentos mais complexos, adquira o pensamento crítico e reflexivo, como aponta Nectoux (2020) trabalhar com um conto no viés interdisciplinar possibilita considerar e acolher inclusive os saberes que não são científicos, isso constitui uma postura pedagógica especialmente profícua.

Em vista disso, também destacamos um enfoque intercultural no ensino de Ciências, principalmente como uma forma de superar posturas científicas – que valorizam a ciência ocidental enquanto desvalorizam outros conhecimentos – além de auxiliar os estudantes a conhecerem outros universos sociais, promovendo uma formação sensível às culturas (Rezende; Ostermann, 2024). A educação intercultural é marcada pelo diálogo horizontal entre as culturas que fazem parte do ambiente educacional, inclusive no combate à invisibilização das populações marginalizadas (Uchôa, 2021).

Cordeiro (2022) salienta que a escolarização moderna, ao revelar uma visão colonialista, reforça a concepção de que somente algumas seletas sociedades produziam conhecimentos dignos de validação, sendo estes capazes de conduzir as pessoas a um processo verdadeiramente civilizatório. De acordo com o autor, os enfoques culturais contribuem na construção de práticas pedagógicas que fomentem

a diversidade cultural, dando espaço às formas de sociabilidade, conhecimentos e modos de relação com a biodiversidade que estão presentes nas culturas populares. Desse modo,

[...] precisamos apresentar outros mundos possíveis já existentes, e o universo das culturas populares, na realidade brasileira, historicamente construído a partir das contribuições indígenas e afrodescendentes, foi se constituindo em resistência às imposições da modernidade ocidental, obviamente, não sem influências, cooptações e interferências, mas, sem dúvida, na sua exterioridade (Cordeiro, 2022, p. 321).

Diante disso, compreendemos a necessidade de promover o diálogo intercultural nas aulas de ciências, o que também é destacado por Cabuia e Oda (2024) ao reforçarem que a dimensão intercultural no diálogo com a cultura dos povos é fundamental na disseminação de uma Ciência que não seja hegemônica. Crepalde e colaboradores (2019), por sua vez, compreendem a necessidade da integração de conhecimentos com estratégias que fortaleçam o intercâmbio de ideias e o enriquecimento mútuo entre conhecimentos tradicionais e científicos.

Baptista, Robles-Piñeros e Santos (2020) desenvolveram uma pesquisa sobre a utilização de contos para promover o diálogo intercultural, resultando na constatação de que esses contos constituem importantes elementos didáticos para estabelecer relações entre saberes prévios e científicos dos estudantes. Corroborando com essas ideias, El-Hani (2022) destaca a relevância do uso de contos em ações pedagógicas que estejam integradas ao currículo escolar, envolvendo relatos e histórias pertencentes às comunidades onde os estudantes vivem.

Diante da relevância do gênero conto, da interdisciplinaridade e da perspectiva intercultural no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, bem como para a formação deles, o presente artigo teve por objetivo analisar o conto “Qual o seu Kilombo?” com foco na interdisciplinaridade, interculturalidade e na Educação popular, considerando sua aplicação no contexto do Ensino Médio.

O CONTO EM SALA DE AULA VISANDO A INTERDISCIPLINARIDADE

Devido às constantes modificações na sociedade, especialmente no século XXI, impulsionadas pelas evoluções tecnológicas, é imprescindível que sejam observadas as mudanças no conteúdo educacional. É essencial que se leve em consideração a realidade do aluno e a utilização dos conteúdos abordados em sala

de aula. No entanto, ainda é possível identificar escolas e professores que adotam posturas e metodologias baseadas no ensino tradicional.

No método tradicional de ensino, a figura do professor é vista como detentora de todo o conhecimento e o aluno como agente passivo desse processo (Moreira, 2016). Frente a isso, deve-se valorizar a inovação e a criatividade que são desenvolvidas nos novos processos de ensino, mantendo uma relação do aluno com a sua autonomia e construindo o seu conhecimento.

Nesse sentido, Freire (2002, p. 12) afirma:

[...] o formando, desde o princípio de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Por esse prisma, é fundamental que o futuro docente compreenda durante sua formação que o foco do conteúdo precisa ser abordado para atender as necessidades, expectativas e potencialidades do estudante. Ademais, é necessário que o ensino seja pautado em novas metodologias, abordagens e diferentes recursos didáticos, para que possibilitem ao estudante desenvolver habilidades e competências relevantes para a sua vida pessoal e profissional.

Nesse contexto, uma das propostas didáticas que pode ser usada durante a abordagem dos conteúdos disciplinares é o conto. O conto é uma narrativa curta, que apresenta personagens, situações e conflitos que despertam o interesse do leitor e o leva a refletir sobre diferentes aspectos da vida (Lima, 2019). Esse gênero literário tem demonstrado potencialidade para facilitar o processo de ensino (Nectoux *et al.*, 2020) e motivar o aprendizado nas diferentes áreas de conhecimento, até mesmo do ensino de Ciências (Rosa; Rosa; Leonel, 2015).

Ao utilizar contos em sala de aula, o professor pode explorar uma variedade de temas e conceitos de forma lúdica e criativa, tornando o processo de aprendizagem mais agradável e eficiente. Os contos podem ser utilizados como ponto de partida para debates e discussões em grupo, promovendo a interação entre os estudantes (Nectoux *et al.*, 2020) e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Visto que o uso do conto pode propiciar um trabalho envolvendo diversas temáticas, compreende-se que é possível desenvolver um ensino sustentado na interdisciplinaridade. Um ensino interdisciplinar é promovido por meio da integração

de conteúdos de duas ou mais disciplinas de uma mesma área ou de diferentes áreas do conhecimento, assim, as disciplinas estabelecem relações de maneira que os conceitos abordados promovem enriquecimento recíproco (Torres Santomé, 1998).

A interdisciplinaridade pode ser promovida a partir de temas gerais ou tópicos, todavia, é recomendável que sejam abordados em períodos curtos, pois a persistência em um único tema por muito tempo pode levar ao tédio e à saturação, prejudicando assim a qualidade da proposta de ensino (Torres Santomé, 1998), por conseguinte, causando o desinteresse dos estudantes pelos conteúdos científicos.

A interdisciplinaridade não se resume a abordar indiscriminadamente um tema envolvendo todas as áreas do conhecimento científico e trabalhar com as disciplinas de forma isolada (Silva, 2020). Em vez disso, a interdisciplinaridade busca estabelecer uma relação de comunicação mútua entre as disciplinas, permitindo que os estudantes compreendam os conteúdos científicos de modo a aplicá-los em seu cotidiano.

INTERCULTURALIDADE, EDUCAÇÃO POPULAR E ENSINO DE CIÊNCIAS

De acordo com Candau (2008), a perspectiva intercultural apresenta algumas características. A primeira delas é a inter-relação entre grupos culturais distintos em uma sociedade, valorizando a riqueza das diferenças culturais. Outra característica é a concepção das culturas como partícipes de um processo contínuo em que se (re-)elaboram e se reconstróem, afirmando a existência de uma hibridização cultural. Além disso, o enfoque intercultural preconiza a consciência de mecanismos de poder existentes, sendo que as relações entre as culturas são hierarquizadas, muitas vezes também marcadas pela discriminação e pelo preconceito de determinados grupos.

Nesse sentido, a perspectiva intercultural deve promover um processo educacional que valorize o reconhecimento do “outro”, enfrentando as assimetrias de poder entre os grupos socioculturais (Candau, 2008). Em uma conciliação envolvendo igualdade e diferença, a interculturalidade salienta o diálogo, tendo em vista uma cidadania que seja justa, participada e solidária, refletindo e discutindo sobre problemas e desafios, a fim de serem resolvidos (Afonso, 2022; García Torres, 2023).

Para Walsh (2010), a interculturalidade precisa ser compreendida como uma proposta de projeto político, epistêmico, social e ético para a sociedade, visando uma transformação socio-histórica. Perez Chichipe e colaboradores (2023) compreendem que é preciso repensá-la para ser um recurso didático transformador e crítico. Com a

diversidade cultural que presenciamos, inclusive no contexto brasileiro, de identidade e culturas em um país de dimensões continentais, isto torna-se ainda mais necessário, se desejamos uma sociedade que respeite e valorize as culturas dos diferentes grupos socioculturais.

Em relação ao ensino de Ciências, Baptista (2015) afirma sobre a necessidade de investigar diferentes dimensões sobre a natureza dos estudantes, inclusive para não impor uma visão cientificista, mas orientar que existem diferentes perspectivas de mundo. Por isso, observar o modo como determinados grupos analisam e criticam enfatiza a sensibilidade para trabalhar competências interculturais (Afonso, 2022).

Assim, consideramos importante a construção de uma educação científica intercultural, pois segundo Brasil, Foerste e Trazzi (2022), esta vertente recontextualiza conhecimentos considerados tradicionais ao desconstruir ideias equivocadas da ciência, viabilizando outras formas de conhecimento, constituindo uma visão de mundo que seja dialógica, respeite a diversidade e se pautar na alteridade. Robles-Piñeros e Baptista (2022) complementam que este processo deve observar os contextos específicos, identificando as características e dinâmicas dos estudantes.

Uma pesquisa desenvolvida por Cunha (2023) constata a educação científica intercultural como uma leitura sobre a realidade escolar em uma ótica intercultural, reforçando o entendimento da ciência como uma entre outras culturas existentes. Para isto, a autora apresenta elementos presentes na ciência, sendo o primeiro deles o fato da ciência não atuar de forma isolada, mas ser influenciada pela realidade, portanto, não possui neutralidade. Além disso, a ciência tem sua história marcada por silenciamentos e apropriações, que, muitas vezes, foram prejudiciais a determinados grupos culturais, fato este que não deve ser esquecido, mas é importante que faça parte do processo de construção de uma ciência que seja plural e democrática.

Outro aspecto que Cunha (2023) destaca é a possibilidade de construir um tipo de conhecimento que estrutura teorias e modelos acerca do mundo natural, e por seu poder explicativo, todos têm o direito de acessá-la por meio da educação formal. Esses elementos são necessários se desejamos uma educação intercultural que favoreça a melhoria das condições de vida e ampliação da perspectiva de mundo dos indivíduos.

Nesse sentido, compreendemos que priorizarmos um ensino de Ciências sustentado na interculturalidade, favorecemos a valorização de diferentes saberes e

experiências, tornando o ensino que faça sentido e contribuindo para a melhoria do aprendizado. Ao integrar diversas culturas e formas de conhecimento, possibilitamos que os estudantes se sintam representados e ouvidos, criando um ambiente educacional dinâmico, colaborativo e respeitoso.

Um ensino de Ciências intercultural é aquele que reconhece a diversidade presente na sala de aula (Silva, 2022), promovendo a reflexão crítica sobre questões sociais, culturais e éticas. Essa perspectiva também está atrelada a Educação popular, uma vez que a mesma valoriza os grupos sociais, como os ribeirinhos, indígenas, quilombolas, dentre outros. A Educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho em conjunto, ou seja, é o momento em que a vivência do saber cria a experiência do poder compartilhado (Brandão, 2002).

A Educação popular é aquela que povo cria, lançada para o povo, em que há uma participação efetiva das classes populares na educação, resignificando a cultura popular. Conforme Brandão (2002), a cultura popular é uma visão advinda dos movimentos de educação popular dos anos 1960. O termo é configurado em uma dimensão de trabalho político de conscientização e organização, por meio dos trabalhadores rurais e urbanos, a partir da intenção política de uma cultura popular libertadora.

Paulo Freire (1983) enfatiza que o processo educativo é advindo das lutas dos movimentos populares, que acontece a partir das experiências vivenciadas na prática social. Essas experiências são provenientes das culturas e envolvem os grupos sociais e a sensibilidade destas. Tais experiências são expressas por meio da oralidade, do corpo, do olhar, dos gestos. Desse modo, o ensino de Ciências por meio dos saberes dos estudantes é aberto ao diálogo. Segundo Freire (1997), o ato dialógico é o encontro dos pontos de vista, a partir de uma comunicação entre os membros de um grupo.

O ato educativo da Educação popular baseado no diálogo traz para debate a questão epistemológica da legitimação social do saber popular que, historicamente, pelo seu corte de classe, gênero e etnia precisa ser reconhecido. Com isso, a legitimidade do saber popular está na sua própria racionalidade, por compreender uma estrutura própria, apresentada por problematizações e indagações, que expressa a realidade institucionalizada pelo grupo social (Oliveira, 2011). O ensino de Ciências permeado pela Educação popular deve estar centrado em problematizações, tornando as aulas investigativas e com sentidos contextuais para os estudantes (Coelho *et. al*,

2020).

A Educação popular articulado ao ensino de Ciências rompe com a visão de que a cultura científica é superior as diversas culturas dos estudantes, e que não existe apenas uma cultura. Essas culturas dialogam entre si (Oliveira, 2011). O saber científico se trata de um processo rigoroso e sistemático, apresentado nos conteúdos curriculares e o saber popular, vinculado ao senso comum e à tradição oral, que ocorre a partir do que é vivido no cotidiano (Brandão, 2002).

A Educação popular vinculada ao ensino de Ciências inclui as diferentes culturas e é distanciada de uma didática tradicional (Freire, 1997). Esse tipo de educação se pauta em uma prática mediadora, contextualizada e que respeita o ser humano em sua totalidade, reconhecendo cada pessoa como sujeito histórico. Ao promover a consciência crítica e a participação social, a Educação popular no ensino de Ciências contribui para a construção de uma sociedade justa e democrática.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste artigo utilizamos a abordagem qualitativa (Merriam, 2009). Na pesquisa qualitativa, o ambiente natural é a fonte primária de dados, e o pesquisador é o instrumento central para obtenção dessas informações (Bogdan; Biklen, 1994). Nesse viés, nós analisamos o conto “Qual o seu Kilombo?”, explorando aspectos de interdisciplinaridade, interculturalidade e Educação popular, visando ser utilizado no contexto do Ensino Médio.

O conto analisado foi produzido por três graduandos do curso de Licenciatura em Química de uma universidade pública sob a orientação da professora da disciplina Saberes e Práticas II. Essa proposta didática foi elaborada no período de março à abril do ano de 2023. Para a construção do conto os licenciandos consideraram o contexto do estado de Alagoas. Essa proposta didática pedagógica apresenta elementos envolvendo dois quilombos que são referências para o referido estado, os quais são: quilombo dos Palmares e quilombo de Tabacaria. Além disso, um dos licenciandos mora próximo de um dos quilombos (Quilombo dos Palmares) e é professor de alunos de comunidades quilombolas. Nesse sentido, o conto foi desenvolvido para ser utilizado visando promover um ensino apoiado na Educação popular, na interculturalidade e na interdisciplinaridade.

Para analisar o conto utilizamos a técnica Análise Textual Discursiva (ATD)

(Moraes; Galianzi, 2011), que permitiu a produção do *corpus*, que nesse caso foi a utilização do conto, na sequência a *unitarização* do conto (fragmentação do conto). Em seguida foi organizado as unidades de sentidos, que possibilitou a construção das categorias emergentes finais: I - Possibilidade de promover a interdisciplinaridade a partir do conto e II - Aspectos de interculturalidade que fazem elos com a interdisciplinaridade e Educação popular no conto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto é um recurso didático que pode ser utilizado para trabalhar conteúdos de diferentes disciplinas e para colaborar no processo de ensino e aprendizagem (Rosa; Rosa; Leonel, 2015). Nesse sentido, buscamos apresentar neste segmento um conto que tem como título “Qual o seu Kilombo?”, que aborda uma história fictícia de pessoas que vivem em quilombo e, na sequência as categorias, trazendo fragmentos do conto com possibilidades para a promoção de um ensino interdisciplinar, intercultural e sustentado na Educação popular.

Qual o seu Kilombo?

Típico de uma comunidade no interior de Alagoas, existe uma família que dedica sua vida à agricultura. Tabacaria, um povoado bem pequeno localizado no município de Palmeira dos Índios, interior de Alagoas. Lá é onde vive a família do senhor José Amâncio e da dona Maria, pai de José Bento.

José Amâncio é agricultor, semianalfabeto e, com a ajuda de sua esposa, trabalham na lavoura para sobreviver. Eles fazem o plantio de milho, feijão, amendoim e macaxeira para vender e para consumo próprio e, também, criam galinhas e tem um pomar para o consumo da família.

Por não ter tido oportunidade de estudar quando criança devido ter começado a trabalhar com 12 anos de idade para ajudar seu pai, ele sabe o quão difícil é a vida na roça e, a partir do nascimento de seu filho, Srº José, como gosta de ser chamado, disse que queria ver em seu filho o futuro que o foi impossibilitado quando mais jovem.

Tabacaria, um povoado quilombola, com aproximadamente 600 pessoas, possui uma escola para ensinar as crianças daquela localidade. Bento, tem 14 anos e está no 9º ano. Ele, seguindo os conselhos do pai, se esforça ao máximo para aprender os conhecimentos científicos na escola de seu povoado.

A professora de História, Jaqueline, que acompanha os estudantes desde pequeninos, é praticamente uma docente multidisciplinar, pois devido ao pouco recurso investido na educação daquela região, a professora que outrora foi de português, matemática e inglês. É também considerada como uma segunda mãe dos alunos, já que os viram crescer.

Quando a professora foi começar uma de suas aulas ela perguntou:

- Alguém sabe o que é quilombo? Pergunta a professora, sorridente.

- É o lugar onde nós moramos professora! Respondeu Bento.

- Então quilombo é somente aqui onde vocês vivem? Não existe outro quilombo? Indagou a professora Jaqueline.

- Claro que não, professora! Pode ser que exista algum lugar que queira imitar o nome de onde a gente mora, mas não é igual. Responde Bento, um pouco confuso.

- Meninos, quilombo, é um nome que originou do termo Kilombo, presente no idioma de povos originários da Angola, e o significado é local de repouso ou acampamento. Responde a professora.

- Então a minha cama é um quilombo, porque eu descanso nela. Respondeu bento, fazendo gracinha com sua professora.

No pino do meio-dia, quando sol está queimando e que até o vento fica tremulo de tanto calor, os estudantes vão para sua casa. Após uma proveitosa manhã de aula com a professora Jaqueline.

Quando Bento chegou em casa, sua mãe já estava a sua espera, para almoçarem juntos.

- Bentinho, chegue, venha almoçar meu filho. Fala dona Maria.

- Tô indo mainha!!! Responde Bento.

Quando se senta na mesa para almoçar, Bento pergunta por seu pai:

- Mainha, cadê painho? Pergunta Bento.

- Seu pai está na roça de milho, como é mais distante de casa, ele levou a comida, vai almoçar lá. Seu pai anda trabalhando demais, meu filho. Ele sempre fala que quer ter condições para lhe dar a melhor educação, coisa que o pai dele não deu pra ele.

Depois de fazer as tarefas da escola, Bento ajudou sua mãe nas tarefas de casa e no finalzinho de tarde quando seu pai chegou da roça, foi com ele prender as galinhas no cercado. Quando deitado na sua cama, Bento lembrou do que a professora Jaqueline havia falado na aula.

- O que eu posso fazer para conhecer outros quilombos? Pensou o menino curioso.

No dia seguinte, Bento conversou com seus colegas sobre o que ele havia pensado a noite sobre como eles poderiam conhecer outros quilombos, então, os colegas ficaram ansiosos para perguntar a professora Jaqueline.

Ao chegar na sala de aula, a professora foi recebida por calorosos abraços daqueles garotinhos, que estavam com muita curiosidade.

- Professora, podemos conhecer outros quilombos? Interrogou Bento.

- Claro que podemos conhecer, Bento. Mas, pelo seu olhar, sei que há algo a mais nessa pergunta. A professora havia percebido que Bento queria algo mais que ir ao quilombo.

-Professora, o que iremos fazer quando chegarmos lá? O que iremos apresentar? Nossa história, como contar? Indagou Bento.

Foi então que a professora propôs que os estudantes escrevessem sua história de vida, a de seu quilombo, sobre os animais que eles criam e as lavouras que eles cultivam, entre outras coisas, para que pudessem dialogar com o pessoal do quilombo que iriam visitar.

Depois de algumas semanas, a professora Jaqueline em conversas com a diretora da escola, conseguiu um ônibus para que ela pudesse levar os alunos para conhecer o quilombo existente no município vizinho, a partir de uma aula de campo. Após conseguir o transporte a professora avisou os estudantes para se prepararem que na sexta-feira daquela semana iriam visitar um quilombo.

Na manhã de sexta-feira parece que a natureza sabia que os estudantes e a professora Jaqueline iam a um lugar diferente, pois o sol apareceu atrás da serra com

um brilho intenso, o vento circulava suave e os pássaros cantarolavam na bananeira e na laranjeira da roça de Bento.

Ao chegar no quilombo, os estudantes não se continham de tanta alegria, afinal, estavam conhecendo um lugar diferente. Os estudantes encantados, falavam:

- Uau, que lugar lindo! Falou Pedrinho, com um sorriso bem largo.

- Gente, aqui tem muita coisa interessante, estou vendo uns caixotes pendurados, que saem de dentro de uns insetos que tem a coloração amarelo e preto. Falou Carla com os olhos abrilhantados.

- Carla, esses caixotes são chamados de cortiços e os insetos são as abelhas, onde as abelhas moram, como esses cortiços estão próximos das casas, elas são denominadas abelhas sem ferrão.

- Professora, será que esse lugar aqui é melhor do que onde moramos? Questionou Isabeli.

- Não. A cultura deles é diferente da nossa. Eles fazem coisas diferentes de nós, como criar animais que nós não criamos, fazer plantio de frutas, verduras que não cultivamos, ter tradições diferentes das nossas. Cada quilombo tem sua cultura, meninos. Respondeu a professora.

- Professora, por que eles usam esse “pó” nas plantações e essa água com cheiro diferente? Não me recordo de meu pai usar isso em nossa lavoura. Comentou Bento, curioso.

- Isso que eles estão utilizando são fertilizantes e agrotóxicos. Os fertilizantes são substâncias químicas utilizadas para o fornecimento de nutrientes para as plantas e os solos, ajudando na ampliação da fertilidade e produtividade. Eles também são chamados de adubos. Você nunca ouviu falar?

- Ah, professora! Já ouvi falar sobre adubo. Mas o que meu pai usa são restos de alimentos. Ele chama os restos de alimentos de adubo. É a mesma coisa? Perguntou Bento.

- Sim, Bento. Esse tipo de adubo é chamado de adubo orgânico.

- E quanto a esses líquidos que parecem água?

- O nome dele é agrotóxico, Bento. Os agrotóxicos são produtos químicos sintéticos usados para matar pragas que afetam o crescimento e a produção das lavouras. Respondeu Jaqueline, sorridente.

- Professora Jaque, olha que interessante, aqui tem um lago com muitos peixes, mas estou vendo também umas ramagens por cima da água. Comentou Carla, sem entender a presença das plantas por cima do lago.

- Carla, possivelmente as plantas que tem no lago são provenientes dos fertilizantes.

- Nas próximas aulas vou abordar esses assuntos com vocês, para que vocês possam entender melhor sobre os tipos de adubos e o uso de agrotóxicos pelos agricultores em lavouras na nossa região e, as consequências desses produtos. Mencionou a professora.

A professora viu que a felicidade de Bento estava muito a florada, e então, ela perguntou para ele:

- Bento, estou te vendo muito empolgado, você quer falar alguma coisa? Questionou a professora.

- Ah, professora! Estamos conhecendo um pouco mais da cultura desse povo, mas acho que seria legal que eles conhecessem a nossa cultura, assim, compartilharíamos um pouco sobre a nossas histórias de vida. Respondeu Bento.

- Fantástico, Bento! Sem dúvida será interessante tanto para vocês quanto para eles.

Assim ocorreu, pessoas de diferentes comunidades quilombolas interagiram e perceberam o quão formidável é conhecer lugares diferentes, pessoas diferentes e culturas diferentes.

Os estudantes estavam empolgados, pois nunca tinham saído de sua comunidade quilombola para outro quilombo. Essa proposta de visitar outra comunidade encheu-os de alegria, de aprendizagem e experiências.

No retorno do passeio, a diretora perguntou para os estudantes como foi a visita e, eles não se continham de alegria e emoção. Alguns falaram:

- Adorei! Conhecemos um pessoal que vivem em um quilombo e eles fazem algumas coisas diferentes de nós. Falou Pedro.

- Foi maravilhoso! Precisamos ir mais vezes a outros lugares, diretora. Respondeu Ana.

- Sim. É uma excelente ideia. Disse a diretora.

Finalzinho da tarde, o sol já se desfalecendo e a lua cheia nascendo, com sua exuberância, os alunos retornaram às suas casas cheios de novos saberes e uma experiência que marcou a história de vida deles.

Os anos foram mudando de série e a professora Jaqueline sempre inspirando seus alunos a ter curiosidade sobre o mundo, questionar, pesquisar, para que eles pudessem adquirir novos conhecimentos, conhecer outras realidades e culturas, além de avançar nos estudos para terem uma profissão.

Anos mais tarde, Bento foi para a cidade de Maceió para cursar Bacharel em Química, para entender um pouco mais sobre os produtos que seu pai usava na lavoura, com isso, poder ajudá-lo nas lavouras. Seu interesse para cursar Engenharia em Química surgiu após aquela visita ao quilombo e entender a importância dos conhecimentos científicos e em que eles poderiam ser utilizados para a melhoria da sociedade. Assim, como ele pretendia ajudar seu pai e seu quilombo no preparo do solo e no plantio de lavouras, para o fortalecimento da economia da sua comunidade.

Após 4 anos de muito esforço e dedicação, Bento se formou como químico. Ele dedicou essa conquista a seu pai: um senhor sem estudos, que sempre batalhou e fez vários sacrifícios pela educação de seu filho. E Bento, sempre foi grato a seu pai, pois mesmo ele sem estudos, sempre incentivou seu filho a estudar para que a sua realidade de vida fosse diferente da dele.

Esse recurso didático pedagógico tem grande potencial para ser usado por professores para trabalhar em colaboração e de forma dialógica, uma vez que é possível utilizá-lo para abordar diversos conteúdos de forma interdisciplinar e intercultural, articulados a realidades dos estudantes, por conseguinte, contribuindo para uma aprendizagem significativa, como pode ser identificado nas categorias a seguir:

I- Possibilidade de promover a interdisciplinaridade a partir do conto

A categoria emergente retratada no presente metatexto traz fragmentos do conto, conteúdos científicos e disciplinas.

Fragmento I:

- *Alguém sabe o que é quilombo? Pergunta a professora, sorridente.*
- *É o lugar onde nós moramos professora! Respondeu Bento.*
- *Então quilombo é somente aqui onde vocês vivem? Não existe outro quilombo? Indagou a professora Jaqueline.*
- *Claro que não, professora! Pode ser que exista algum lugar que queira imitar o nome de onde a gente mora, mas não é igual. Responde Bento, um pouco confuso.*
- *Bento, quilombo, é um nome que originou do termo Kilombo, presente no idioma de povos originários da Angola, e o significado é local de repouso ou acampamento. Responde a professora.*

De acordo com esse fragmento, o docente pode abordar a história de um quilombo que ele tenha interesse ou explorar a história dos quilombos no Brasil, desde os primeiros registros até os dias atuais e, discutir a importância dos quilombos como forma de resistência à escravidão e como espaços de preservação da cultura africana no país. Tecer discussões e reflexões sobre as relações sociais presentes em quilombos, as dinâmicas de poder, as formas de organização comunitária e a interação dos povos quilombolas com outras comunidades.

O professor tem como possibilidade explorar a geografia dos quilombos, destacando sua localização geográfica e as características do ambiente em que estão inseridos. Ampliando a abordagem sobre os desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas em relação ao acesso à terra e aos recursos naturais. Além disso, trabalhar a questão dos direitos humanos no contexto dos quilombos, dos direitos das comunidades quilombolas, como o direito à terra, à cultura, à educação e à saúde, bem como os desafios enfrentados na garantia desses direitos.

Diante do exposto destaca-se que o referido fragmento favorece a abordagem de conteúdos da disciplina História, Sociologia, Geografia e até mesmo conteúdos que estão relacionados a disciplina Direitos Humanos. Isso viabilizará um ensino ampliado e uma formação aprofundada dos sujeitos.

Fragmento II:

- *Professora, por que eles usam esse “pó” nas plantações e essa água com cheiro diferente? Não me recordo de meu pai usar isso em nossa lavoura. Comentou Bento, curioso.*
- *Isso que eles estão utilizando são fertilizantes e agrotóxicos. Os fertilizantes são substâncias químicas utilizadas para o fornecimento de nutrientes para as plantas e os solos, ajudando na ampliação da fertilidade e produtividade. Eles também são chamados de adubos. Você nunca ouviu falar?*
- *Ah, professora! Já ouvi falar sobre adubo. Mas o que meu pai usa são restos de alimentos. Ele chama os restos de alimentos de adubo. É a mesma coisa? Perguntou Bento.*

- Sim, Bento. Esse tipo de adubo é chamado de adubo orgânico.
- E quanto a esses líquidos que parecem água?
- O nome dele é agrotóxico, Bento. Os agrotóxicos são produtos químicos sintéticos usados para matar as pragas que afetam o crescimento e a produção das lavouras - Respondeu Jaqueline, sorridente.

Esse fragmento possibilita o professor abordar conceitos relacionados à agricultura, manejo do solo, processo de nutrição das plantas e a importância dos nutrientes para o crescimento saudável delas. Pode-se trabalhar diferentes compostos químicos presentes nos fertilizantes e agrotóxicos, além das suas propriedades químicas, modos de ação e impactos ambientais e para a saúde humana.

O docente tem a oportunidade promover a intercomunicação entre conteúdos de Educação Ambiental e quilombos, podendo ser a partir das práticas de agricultura sustentável, as formas de uso dos recursos naturais pelas comunidades quilombolas e sua contribuição para a conservação da biodiversidade. Também, trabalhar com esse fragmento favorece a conceituação da prática da agricultura familiar e suas particularidades.

Tais conteúdos estão presentes nas disciplinas Biologia e Química, e também, fazem parte do campo da Educação Ambiental, Agronomia e saúde – dialogando com os conhecimentos culturais dos estudantes oriundos de suas famílias acerca de suas técnicas de plantio. Nesse contexto, observamos que o conto dá margem para que docentes desenvolvam um ensino interdisciplinar, mas também intercultural. Torres Santomé (1998) advoga que promover um ensino sustentado na interdisciplinaridade exige dos professores um trabalho pautado na colaboração, no respeito e no diálogo.

A seguir, apresentamos outro fragmento interessante acerca do conto abordado.

Fragmento III:

- Professora Jaque, olha que interessante, aqui tem um lago com muitos peixes, mas estou vendo também umas ramagens por cima da água. Comentou Carla, sem entender a presença das plantas por cima do lago.
- Carla, possivelmente as plantas que tem no lago são provenientes dos fertilizantes.

Essa parte do conto “Qual o seu Kilombo?” propicia o docente trabalhar temáticas como o ecossistema aquático e as interações entre os organismos que vivem nesse ambiente enfatizando a importância das plantas aquáticas na cadeia alimentar, na produção de oxigênio, na filtragem da água, em ecossistemas de água

doce, incluindo lagos, rios e lagoas.

Tal fragmento permite a abordagem de fatores que influenciam a distribuição e a diversidade de plantas aquáticas, como a disponibilidade de nutrientes e a intensidade da luz solar. As características das plantas aquáticas e os diferentes grupos de plantas aquáticas. Além disso, o professor pode explorar aspectos relacionados aos nutrientes, como nitrogênio e fósforo são ciclados nos ecossistemas aquáticos. O excesso de nutrientes provenientes de fertilizantes pode causar eutrofização, levando ao crescimento excessivo de plantas aquáticas e consequentes impactos negativos no ecossistema.

Ainda, é possível explorar a relevância da preservação e manejo sustentável dos ecossistemas aquáticos, incluindo ações para evitar a poluição e a degradação desses ambientes, além de abordar sobre o uso adequado de fertilizantes.

Em consonância com a análise do fragmento identificamos que é possível trabalhar conteúdos das disciplinas Biologia e Química, especialmente, conhecimentos científicos relacionados a Ecologia e Ciências Ambientais. Esse fragmento colabora para que o docente articule tais conteúdos com as realidades dos estudantes.

Fragmento IV:

- Gente, aqui tem muita coisa interessante, estou vendo uns caixotes pendurados, que saem de dentro de uns insetos que tem a coloração amarelo e preto. Falou Carla com os olhos brilhantados.

- Carla, esses caixotes são chamados de cortiços e os insetos são as abelhas, onde as abelhas moram, como esses cortiços estão próximos das casas, elas são denominadas abelhas sem ferrão.

Conforme esse trecho do conto é possível a abordagem da prática da meliponicultura, que é a criação de abelhas sem ferrão, explorando os benefícios econômicos, sociais e ambientais dessa atividade, bem como as técnicas de manejo e as considerações éticas relacionadas à criação de abelhas. Além da importância das abelhas sem ferrão no ecossistema, sua função como polinizadoras de plantas, a contribuição para a reprodução de diferentes espécies vegetais e na manutenção da biodiversidade.

Ainda o professor tem a oportunidade de abordar sobre a polinização de culturas de interesse econômico e a produção de alimentos, assim como, a necessidade da conservação dessas abelhas para garantir a produtividade e a segurança alimentar.

Mediante aos referidos conteúdos, compreendemos que é possível promover uma intercomunicação entre as disciplinas Biologia e Matemática. Além disso, favorece a ampliação da formação dos estudantes, no que diz respeito a aspectos envolvendo a estrutura e a arquitetura dos cortiços.

Continuando no viés da interdisciplinaridade, o conto possibilita trabalhar elementos relacionados a literatura, favorecendo o desenvolvimento da escrita e leitura dos estudantes (Damacena *et al.*, 2017). Compreendemos que além dos conteúdos disciplinares o referido conto poderá contribuir para que os estudantes sejam incentivados a ler e interpretar diferentes textos, desenvolvendo habilidades de compreensão e análise textual. Ainda, essa proposta didática tem potencialidade para estimular a imaginação e a criatividade dos estudantes.

De acordo com os fragmentos apresentados percebemos que o conto “*Qual o seu Kilombo?*” tem grande potencial para a promoção de um ensino de Ciências interdisciplinar, visto que permite abordar conteúdos de diferentes áreas do conhecimento científico. O desenvolvido de um ensino sustentado na interdisciplinaridade contribui para a formação de cidadãos críticos, reflexivos (Torres Santomé, 1998, 2013) e comprometidos com a sociedade.

É oportuno salientarmos que os conteúdos científicos apresentados nesta categoria oferecem possibilidades de serem trabalhados a partir de um ensino que seja ancorado na interdisciplinaridade, podendo ser desenvolvido por um ou mais docentes de uma área ou de diferentes áreas do conhecimento científico.

II - Aspectos de interculturalidade que fazem elos com a interdisciplinaridade e Educação popular no conto

Nesta categoria, destacamos elementos da interculturalidade que apresentam relações com a interdisciplinaridade a partir de determinados fragmentos do conto.

Inicialmente, escolhemos o excerto a seguir para a análise:

Fragmento V:

- Professora, podemos conhecer outros quilombos? Interrogou Bento.
- Claro que podemos conhecer, Bento. Mas, pelo seu olhar, sei que há algo a mais nessa pergunta. – A professora havia percebido que Bento queria algo mais que ir ao quilombo.
- Professora, o que iremos fazer quando chegarmos lá? O que iremos apresentar? Nossa história, como contar?

Diante deste fragmento, compreendemos pela inquietação de Bento a sua

necessidade de poder se comunicar com outra cultura. Nesse sentido, é importante frisar que, de acordo com Peñaloza, Robles-Piñeros e Baptista (2023), o conhecimento tradicional dos estudantes está fundamentado principalmente em suas vivências. Por isso, é preciso superar a ideia de que eles possuem pressupostos que devem ser alterados ou atualizados na escola, como se esta fosse o local onde é apresentado o conhecimento por excelência, e desmerecendo os outros modos de conhecer.

Min (2010) considera que a comunicação intercultural deve envolver o desenvolvimento de potencialidades dos estudantes, de forma dialógica e interativa, visto que a comunicação em si e seu potencial são infinitos. Para o autor, o diálogo é capaz de revelar potenciais, protagonizando um processo enriquecedor e multiplicador em que ambos os participantes podem ensinar e aprender.

Por isso, o diálogo não somente entre culturas, como também por meio da interdisciplinaridade possibilita novas perspectivas para o ensino e a aprendizagem de conteúdos científicos, sobretudo ao demonstrar que o conhecimento não é feito de modo separado, mas integrado. Além disso, a integração de saberes também favorece a diminuição das desigualdades sociais, epistemológicas e políticas, colaborando para maior efetividade na visibilidade do legado cultural (Crepalde *et al.*, 2019) e na percepção das contribuições mútuas entre diferentes conhecimentos e as diversas áreas do conhecimento científico.

A seguir, apresentamos outro fragmento que considera aspectos da interculturalidade e da interdisciplinaridade.

Fragmento VI:

- Professora, será que esse lugar aqui é melhor do que onde moramos? Questionou Isabeli.

- Não. A cultura deles é diferente da nossa. Eles fazem coisas diferentes de nós, como criar animais que nós não criamos, fazer plantio de frutas, verduras que não cultivamos, ter tradições diferentes das nossas. Cada quilombo tem sua cultura, meninos. Respondeu a professora.

Diante deste fragmento, podemos inferir que é possível utilizar um conto também no contexto do ensino de Ciências, inclusive para promover a interculturalidade e a interdisciplinaridade, podendo assim trabalhar nesta última vertente com o ensino de Ciências, a partir do conteúdo seres vivos, e História, a partir do conteúdo cultura e sociedade. A interdisciplinaridade, ao integrar saberes e contextos distintos, possibilita o trabalho com temáticas complexas e socialmente

relevantes, relacionadas à realidade dos estudantes (Torres Santomé, 1998), colaborando para que eles se posicionem frente a questões sociais.

É possível articular os saberes científicos entre si, em conjunto com outros saberes é algo possível e necessário, sobretudo no contexto de comunidades tradicionais. O referido trecho específico do conto coloca em evidência que as diferentes culturas devem ser valorizadas. Tal abordagem faz parte do processo de educação científica intercultural, em que pode-se problematizar o cientificismo, fomentando práticas pedagógicas que valorizem o diálogo intercultural (Brasil; Foerste; Trazzi, 2022).

Além disso, a utilização de contos para mobilizar pedagogicamente os participantes das aulas é interessante no engajamento para compreender as diferentes culturas e seus modos de conhecer (El-Hani, 2022), assim como promover o entendimento da integração entre as diferentes áreas científicas. Isso mostra um potencial de diálogos entre conhecimentos tradicionais e científico-escolares, que pode surgir de inúmeros questionamentos, colaborando para a ampliação de saberes e práticas culturais (Baptista; Silva; Robles-Piñeros, 2019).

A valorização dos diferentes modos de conhecer é ligada a Educação popular, a qual viabiliza um espaço de consideração do cidadão, oportunizando o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, desconstruindo a Ciência, enquanto uma esfera desarticulada com a sociedade (Freire, 1983). Desse modo, a construção de atividades educativas no contexto da escola pública baseadas nos princípios da Educação popular criam possibilidades de romper com o ensino tradicional, em que o professor tem a função de depositar os conteúdos desarticulados com a realidade social dos sujeitos.

Desconectada de um ensino tradicional, o conto mostra que a professora permitiu que os estudantes fossem conhecer um quilomobo e lá os estudantes puderam compreender as vivências de outra cultura, como é visto no seguinte trecho:

Fragmento VII:

-A cultura deles é diferente da nossa. Eles fazem coisas diferentes de nós, como criar animais que nós não criamos, fazer plantio de frutas, verduras que não cultivamos, ter tradições diferentes das nossas. Cada quilombo tem sua cultura, meninos. Respondeu a professora.

A didática que permite o conhecimento das culturas está atrelada a Educação popular, enquanto uma concepção emancipadora que busca a transformação da

ordem social e do próprio sistema educacional. Esta visão crítica e libertadora é exemplificada pelas propostas educacionais de Paulo Freire (Paulo; Carrillo; Faria, 2014).

A Educação popular valoriza não somente o saber tradicional, que é proveniente das culturas dos sujeitos, mas também o diálogo presente nos atos educativos (Santos, 2009). Sobre a dialogicidade, o conto permite entendermos que houve um diálogo entre a professora e os estudantes em sala e ao chegar no quilombo. Freire (1997) advoga que o diálogo é um direito humano socializador, dessa maneira, o professor deve ter uma postura pedagógica que possibilite a curiosidade e o pensamento crítico dos estudantes.

Assim, ao trabalhar com contos é relevante considerar a Educação popular, porque esta compreende que ninguém educa ninguém, mas todos se educam a partir de sua mediação no mundo. Ela é um meio para estabelecer o diálogo, a conscientização e tomadas de decisão. Ao promover autonomia e protagonismo, contribui para a formação de sujeitos capazes de reivindicar direitos e propor transformações, participando ativamente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo podemos destacar que o conto revela-se como um recurso didático para trabalhar diversos conteúdos científicos, a saber: a história dos quilombos no Brasil, a importância dos quilombos como forma de resistência à escravidão e como espaços de preservação da cultura africana no país, a geografia dos quilombos, o ecossistema aquático e as interações entre os organismos que vivem nesse ambiente, manejo do solo, processo de nutrição das plantas, os diferentes compostos químicos presentes nos fertilizantes e agrotóxicos, além das suas propriedades químicas, modos de ação e impactos ambientais e para a saúde humana e fiscalização adequada, entre outros conteúdos.

O referido recurso didático pode ser usado na disciplina História, Geografia, Química, Biologia, além de permitir ampliação dos conhecimentos, já que ele favorece o trabalho de conteúdos de disciplinas como Direitos Humanos, Sociologia, Agronomia etc. Em suma, o conto “Qual o seu Quilombo?” se apresenta como um recurso didático que pode ser usado para promover um ensino ampliado e uma formação aprofundada

dos estudantes, além de colaborar para a superação do ensino fragmentado, propiciando um ensino sustentado na interdisciplinaridade.

Destaca-se que essas sugestões de conteúdos e de disciplinas podem ser adaptadas conforme o nível de ensino e os objetivos educacionais específicos. Ademais, esse recurso didático não foi elaborado como intuito de salvar a educação, mas, sim, como uma oportunidade de professores desenvolver um ensino interdisciplinar, trabalhar considerando as realidades dos estudantes, assim como, com o tema quilombo, tendo em vista que este faz parte da história do Brasil, especialmente, do estado de Alagoas, já que o quilombo Zumbi dos Palmares é referência no país.

No aspecto intercultural, consideramos que o conto é interessante para discutir em sala de aula sobre os diferentes modos de conhecer, propiciando o diálogo intercultural, que pode ser integrado à interdisciplinaridade. Além disso, foi possível por meio do conto trabalhar com os aspectos da Educação popular, por exemplo, reconhecendo as culturas dos sujeitos do quilombo, desse modo, sendo desenvolvida uma prática de ensino que se desarticulava com ação tradicional, mas baseada em indagações e no diálogo, a fim de promover aos estudantes a liberdade para pensar criticamente e se posicionarem frente as questões sociais.

Contudo, apresentamos como limitações da pesquisa o fato do presente conto ainda não ter sido analisado no contexto de uma sequência didática ou até mesmo uma sequência de aulas que envolva a interculturalidade, a Educação popular e a interdisciplinaridade. A interação entre estas perspectivas deve ser melhor aprofundada, a fim de que sejam apresentados elementos, desafios e possibilidades que as conectem no contexto das aulas de ciências.

Por fim, deseja-se que o referido conto possa ser utilizado e contribua para a melhoria da educação, especialmente, da Educação Básica. Além disso, inspire docentes e licenciandos a construir recursos didáticos pedagógicos que possibilitem o desenvolvimento de um ensino interdisciplinar, colabore no processo de aprendizagem e viabilize a formação cidadãos críticos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. R. Diálogo intercultural e cidadania – para lá do reconhecimento. **Revista Sísifo**, Feira de Santana, v. 15, n. Único, p. 23-34, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1WBB6mxhXCcB6_n9dvHn-zKbETibN5m39/view. Acesso em: 11 set. 2023.

BAPTISTA, G. C. S. Do cientificismo ao diálogo intercultural na formação do professor e ensino de ciências. **Interacções**, Santarém, v. 10, n. 31 (número especial – perspectivas recentes da educação científica), p. 28-52, maio. 2015. DOI: <https://doi.org/10.25755/int.6369>

BAPTISTA, G. C. S.; ROBLES-PIÑEROS, J.; SANTOS, M. F. dos. O uso dos contos para o diálogo intercultural e letramento científico no ensino de ciências. **RECM – Revista de Educação, Ciências e Matemática**, Duque de Caxias, v. 10, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/5004/3295>. Acesso em: 30 mai. 2025.

BAPTISTA, G. C. S.; SILVA, D. G.; ROBLES-PIÑEROS, J. Narrativas de estudantes de comunidades tradicionais como possibilidades para o diálogo intercultural no ensino de Ciências. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 34, n. 108, p. 92-103, maio/ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2019.108.92-103>.

BARROS, R. P. C.; PINHO, M. J. Interdisciplinaridade e Letramento Literário no Ensino Fundamental: enfoque metodológico. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 64, p. 264-276, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6477>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

CABUIA, M. W. S.; ODA, W. Y. Territórios e contextos na educação em ciências intercultural: uma revisão descritiva. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 14, n. 1, p. 120-144, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v14i1.7437>

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.

CARMO, A. N. Era Uma Vez... João e Maria em Uma Proposta Interdisciplinar. **Linha Mestra**, [S. l.], n. 30, p. 192-196, 2016. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/503/510>. Acesso em: 13 ago. 2024.

CORDEIRO, A. A.S. Interculturalidade e cultura popular: debatendo a folclorização dentro da educação escolar. **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 31, n. 67, p. 308-324, jul./set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2022.v.31.n.67>. p. 308-324.

COELHO, F. F.; SILVA, S.; SOUZA, C. Popularização da ciência, educação popular e ensino de ciências e saúde a partir do voluntariado: potencialidades e limitações no projeto PEPCiências na visão dos monitores. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 19, n.

3, p. 273-292, 2020.

file:///C:/Users/J%C3%B4se/Downloads/nascimentosilva,+rel_04.pdf

CREPALDE, R. dos S.; KLEPKA, V.; HALLEY, T. O. P.; SOUSA, M. A Integração de Saberes e as Marcas dos Conhecimentos Tradicionais: Reconhecer para Afirmar Trocas Interculturais no Ensino de Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 19, p. 275-297, maio. 2019. DOI: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2019u275297>

DAMACENA, D. M.; SANTOS, T. S. dos; SILVA, E. L. Da; ANDRADE, T. S. A Influência do Uso da Literatura de Ficção Científica no Processo de Ensino/Aprendizagem de Ciências: utilizando contos nas aulas do Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 17., 2017, Viana do Castelo. **Anais...** Viana do Castelo: Escola Superior de Educação, 2017. p. 150-160. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carla-Ribeiro-7/publication/324969383_Os_animais_Um_percurso_de_exploracao_em_contexto_de_creche/links/5aedbe6b458515f59982fd6c/Os-animais-Um-percurso-de-exploracao-em-contexto-de-creche.pdf#page=150. Acesso em: 12 nov. 2024.

EL-HANI, C. N. Bases teórico-filosóficas para o Design de educação intercultural como diálogo de saberes. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 01-38, abr. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2022v27n1p01>

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12. e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARCÍA TORRES, E. Concepciones y prácticas de docentes sobre educación intercultural en un contexto mexicano. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 8, e15373, p. 1-21, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e15373>

GIRALDI, P. M. Leitura, escrita e autoria: relações com o ensino de ciências escolar. In: GALIETA, T.; GIRALDI, P. M. (orgs.). **Linguagens e Discursos na Educação em Ciências**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014. p. 156-169.

LIMA, M. D. M. **O leitor literário no primeiro ano do ensino médio**: a interação entre aluno e texto a partir de contos de mistério. 2019. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research**: A guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MIN, E. Bakhtinian Perspectives for the Study of Intercultural Communication. **Journal of Intercultural Studies**, v. 22, n. 1, p. 5-18, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/07256860120037382>.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MOREIRA, M. A. **Comportamentalismo, construtivismo e Humanismo**. Coletânea de breves monografias sobre teorias de aprendizagem como subsídio para o professor pesquisador, particularmente da área de ciências. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

NECTOUX, A. L.; PEREIRA, G. D.; CASSIANO, M. F.; SILVA, T. L. Questões Sociais e Raciais na Educação de Jovens e Adultos: uma proposta interdisciplinar com o uso de aplicativos. In: CHRISTINE, S. C.; VIEIRA, E. R.; MATTOS, F. R. P. M.; OLIVEIRA, M. M. (org.). **Interdisciplinaridade na sala de aula em relatos de professores**. Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020. p. 111-127.

OLIVEIRA, I. A. Cultura e Interculturalidade na Educação popular de Paulo Freire. **Rev. Cient.**, São Paulo, n. 25, p. 109-124, 2011.

PAULO, F.; CARRILLO, A. T.; FARIA, E. S. Educação popular e o legado de Paulo Freire: Algumas das Práticas emancipadoras no Brasil. **Revista Educação e Ciências Sociais**, Salvador, v. 8, n. 14, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/cienciassociais/article/view/19118/16115>. Acesso em 05 nov. 2025.

PEÑALOZA, G.; ROBLES-PIÑEROS, J.; BAPTISTA, G. C. S. Science education and cultural diversity: Freire's concept of dialogue as theoretical lens to study the classroom discourse of science teachers. **Cultural Studies of Science Education**, Berlim, v. 18, p. 95-114, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11422-023-10158-3>.

REZENDE, F.; OSTERMANN, F. Abordagens da Diferença Cultural na Pesquisa em educação em Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], e51099, p. 1-29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2024u947975>

ROBLES-PIÑEROS, J.; BAPTISTA, G. C. S. Conocimiento entomológico local em la enseñanza de la ecología: Contribuciones para una educación científica intercultural. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Vigo, v. 21, n. 1, p. 70-89, 2022. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen21/REEC_21_1_1_ex1791_521.pdf. Acesso em 30 mai. 2025.

ROSA, V.; ROSA, S. S.; LEONEL, A. A. A arte de escrever contos para a aprendizagem significativa de conceitos científicos. **Aprendizagem Significativa em Revista**, Porto Alegre, v. 5, n.1, p. 33-56, 2015. Disponível em: https://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID72/v5_n1_a2015.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

SANTOS, M. R. B. Educação popular no contexto da escola. In. VII Congresso Nacional de Educação. **Anais...**, Maceió, p. 25-37, 2020.

SILVA, N. A. **Perspectiva de interdisciplinaridade de Jurjo Torres Santomé em uma proposta curricular no contexto do Sul da Bahia**, 2020, 131f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) -Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Ilhéus, Brasil, 2020.

SILVA, J. A. **Trabalho colaborativo com futuros professores: uma abordagem comunicativa dialógica nas aulas de ciências com base na interculturalidade**, 2022, 153f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

TORRES SANTOMÉ, J. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

TORRES SANTOMÉ, J. Trabalho Cooperativo e Coordenado. **Revista PÁTIO: Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, [S. l.], n. 16, p. 18-21, 2013.

UCHÔA, M. M. R. Educação em Direitos Humanos e Educação Intercultural: apontamentos e aproximações freireanas. **Educação**, Santa Maria, v. 46, p. 1-25, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.5902/19846444444454>

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. *In*: VIAÑA, J; TAPIA, L.; WALSH, C. (orgs.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96. Disponível em: <https://aulaintercultural.org/2010/12/14/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural/>. Acesso em: 29 mai. 2025.